

ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 5 DE JANEIRO.

Falta-nos hoje espaço para largas considerações. É preciso registrar no *Espectro* alguns pontos importantes que devem ser avaliados de animo assente, e depois de ter callado no publico todo o sentimento de indignação que esses factos devem despertar.

Referimo-nos ao que está acontecendo na provincia do Minho, ao que se observa na populosa Braga, em Villa Nova de Famelição, e em toda a parte por onde passam as hordas ministeriaes — tudo é roubo, assolação e morte.

Assim foi em Torres Vedras! O saque é tudo o a que aspiram os exercitos de Fernando 2.º!

Em Braga foram assassinadas mais de 200 pessoas, e não foram sómente das que proclamaram D. Miguel, foram tambem victimas innocentes, inoffensivas, talvez subditos fieis da rainha de Lisboa.

Ainda mais! Muitos dos assassinados foram os mesmos illudidos pelo Casal, que o reputavam seu amigo, e que por isso nos hostilizaram a nós!

O partido de D. Miguel era um partido defuncto. Costa Cabral e Saldanha fizeram-no resuscitar! Até os mortos se levantam contra estas administrações maleficas!

E tem razão! Se o despotismo ha de imperar, o seu sceptro pertence a D. Miguel. A rainha pela carta deixa de o ser apenas destroe a carta.

A guerra entre Mac-Donell e Casal é uma guerra de pessoas; o principio proclamado é o mesmo. Mac-Donell com os seus é coherente, é logico; Casal é um traidor á liberdade que outr'ora defendeu. Ambos proclamam a escravidão do paiz. Só nós, só a junta do Porto proclama a liberdade!

O partido miguelista que combate por um só homem é irracional. Esse homem é mortal, pôde faltar d'aqui a dois dias, e os adoradores ficam sem idolo, sem igreja, sem altar e sem patria. Derramam o seu sangue e o dos seus concidadãos por um capricho de momento, por um pundonor mal entendido. Construem um edificio sem base, e legam a seus filhos o despotismo quando lhes podiam legar a liberdade!

O absolutismo como principio é anachronico,

contradiz as luzes do seculo, as necessidades dos povos modernos, e todas as indicações da moralidade.

E para estabelecer esse principio é escusado haver guerra entre Mac-Donell e Casal. Ambos pugnam por elle: a differença está na pessoa que o ha de exercer.

A guerra nobre, franca e leal está só da nossa parte. Nós amamos a paz, a liberdade, a igualdade prégada no Evangelho!

Só nós somos generosos porque só nós somos fortes. Não advogamos a causa de nenhum homem, advogamos a causa de todos.

Não nos importam os thronos para nenhum rei, importam-nos as garantias para o povo. Que é um homem, uma mulher no meio d'um povo immenso?

Governamos com moderação. Depois da revolução de Maio respeitámos todos os partidos. O *Vae victis* não se pronunciou. As manifestações contra a ordem publica vencemo-las pela persuasão!

Povo, que é dos cadaveres que nós fizemos?

Realistas, aonde estão as vossas victimas?

Cabralistas, mostrai-nos os vossos martyres?

Vistes nas eleições os assassinos de Porto de Móz e de Alvarães?

Vistes os confiscos, as deportações, as prisangas?

E em paga disto os sectarios de D. Miguel descalçaram os nossos soldados, fizeram fogo sobre os defensores da patria!

Fortes em quanto combateram contra o despotismo da nova côrte, em quanto seguiram o pendão das liberdades patrias, foram fracos apenas quizeram levantar o farrapo do proscrito! Esse despotismo miguelista é impopular — tem por general um estrangeiro, porque não acha no paiz uma espada para o defender — é um despotismo como o das Necessidades, que o paiz rejeita, que o senso commum reprova. É um despotismo que nem sequer é nacional.

Nesta terra só uma bandeira pôde triunfar — é a da liberdade, é a bandeira do seculo, é a bandeira da civilisação. Comprehendam-na todos os partidos, e reúnem-se todos á roda d'ella.

Alí vão as noticias copiadas das folhas do Porto:

(Do Nacional de 19 de Dezembro.)

«P. S. — Boletim do telegrapho do quartel general do Porto 19 de Dezembro de 1846. — A S. ex.^a o ministro da guerra. — Do administrador do concelho d'Oliveira d'Azemeis. — Esta noute acclamaram D. Miguel em Oliveira d'Azemeis, mas os revoltosos foram batidos, e se retiraram, deixando 3 mortos, e 14 prisioneiros. — José Ferreira da Silva Coelho, alferes commandante da 3.^a D. T. do N.»

«O fanfarrão do Casal levantou esta manhã o seu acampamento, e lá vai em retirada sobre a estrada de Braga. Nem se atreveu a fazer um reconhecimento em força sobre as linhas do Porto.

A nossa reserva marchou logo a explorar o campo, e manobrará segundo o general julgar conveniente.»

(Do Nacional de 22.)

«A' ultima hora.—O barão do Casal seguiu ante-hontem a sua marcha para Braga, sahindo de Villa Nova de Famelição ao romper do dia, e tendo a sua força alli feito toda a casta de roubos e atrocidades. Demorou-se pouco tempo em Tobosa para dar de almoçar á sua gente, e chegou pelas dez para as onze horas ás proximidades de Braga, onde encontrou as forças miguelistas de Mac-Donell mal entrincheiradas e decididas a fazer-lhe fogo. Avançou a cavallaria por uma viella, e tomando-lhe a retaguarda passou á espada tudo o que encontrou. Entraram ao mesmo tempo forças por varios sitios da cidade, e tornou-se geral o combate em todas as ruas. Houve grande mortandade de parte a parte, sendo muito maior a dos miguelistas. Calcula-se a perda destes em mais de duzentos homens, e a dos cabralistas em cento e tantos e uns vinte cavallos; sendo tambem grande o numero de officiaes feridos.

Consta que Mac-Donell retirára sobre a Ponte do Prado, e parte da sua força pelo caminho do Senhor do Monte. O Mac-Donell prometteu á sua gente de tirar uma vingança terrível do Casal, que o enganára promettendo-lhe não fazer-lhe fogo.»

«Acabamos de ver uma carta d'aquella cidade que diz assim:—Aqui está o Casal com a sua força. A cidade acha-se na maior consternação, pois houve aqui uma mortandade horrorosa de parte a parte.»

(Do Nacional de 23.)

«Braga nunca viu uma scena tão horrorosa como aquella que hoje se lhe apresenta.

Foi no dia 18 já mui tarde quando aqui constou da marcha do Casal sobre esta cidade. Espalhou-se logo que Mac-Donell não se batia, porque o barão de Agrella lhe assegurára que o

não hostilizava, e parecia que o medianoeiro entre estas notabilidades fôra o cabralista Freitas Costa; mas esta esperanza cedo desapareceu, porque os chefes das turbas miguelistas pediram altamente combate, e Mac-Donell não teve remedio senão ceder aos desejos do seu povo, e mandou logo começar o intrincheiramento de algumas ruas, tanto do lado do Porto como de Guimarães.

Seriam 11 horas aproximaram-se as forças do Casal, e um vivissimo fogo rompeu logo de ambos os lados. Os miguelistas batiam-se com muito valor, e não teriam cedido o seu terreno senão houvessem sido cortados pela cavallaria, que tendo tomado por uma quella foram sair a S. Pedro de Maximinos, e então apanhado os seus contrarios pela retaguarda não só lhes causou grande confusão e desordem nas fileiras, mas tambem lhes fez uma mortandade espantosa. Depois deste rompimento o fogo tornou-se geral nas ruas da cidade, e os effeitos deste fogo mortifero viam-se a cada passo; as ruas appareceram cheias de mortos, porém mais haveriam se um denso nevoeiro não impedisse de parte a parte as pontarias.

Foi um verdadeiro dia de juizo, e para que a scena fosse mais medonha, o nevoeiro veio cobrir a cidade, que, por assim dizer, nadava em sangue!. . . . Todavia poz termo á carnagem, e á sombra delle retiraram os miguelistas, uns para o Senhor do Monte, outros para a Falperira e Prado.

Calcula-se que os mortos da parte dos miguelistas excedem a 200, e da força do Casal a 80!!!. . .

Antes do fatal dia 7 d'Outubro gosava o paiz socego. . . Quem o veio lançar nesta tremenda guerra civil? E sua magestade a rainha não lhe causará dó ver assim correr a jorro o sangue de seus sobditos?. . . Cruel indifferença.

A opinião geral é que não param aqui estas scenas de infortunio. Dizem que os miguelistas tratam de reunir-se de novo, e de recrutar forças para novamente voltar ao combate.

As tropas do Casal começam a praticar aqui o que tem praticado pelas mais terras por onde tem transitado. Os roubos que commettem são immensos; é mesmo um bando de salteadores.»

(Do Nacional de 24.)

«Na mór parte dos campanarios do Minho, apenas constou da matança de Braga, tocou a rebate; e ajunta-se povo com animo de tirar vingança daquella horrível catastrophe.»

«Os miguelistas arrebataram, em Barcellos, o cofre onde estava depositado o dinbeiro dos orfãos, e outros dinheiros mais. Foi uma avultada quantia de contos de réis!»

As armas liberaes triumpham já em Traz-os-Montes. Eis-aqui a parte official dos mortos e prisioneiros que a força do barão de Castro Daire fez nas proximidades de Villa Real :

« Illm.^o e exm.^o sr. — Escrevendo este de Villa Real cumprio a minha palavra empenhada ao meu officio de hontem, de datar as de hoje desta villa.

Encontrámos os Cabraes ás 4 horas da tarde no sitio de Parada e Relva, posições fortissimas em que haviam collocado uma boa força. Logo que subimos a collina de Relva, e tocámos o cume da montanha, o inimigo nos avistou e fez fogo: da nossa parte carregou-se mesmo na ordem de marcha, fazendo avançar uma companhia pelo nosso flanco esquerdo pelas alturas, e outra pela direita ao monte da força. Desalojado o inimigo de posição em posição, empenhou-se mais renhido combate nas pontes de Parada e da Ribeira; aqui tomaram-se disposições mais militares como era necessario; em 5 minutos forçaram-se as pontes, e tomadas as posições do lado da villa cessou o fogo; e pouco depois entrámos na villa. O fogo durou hora e meia, e chegando a noite foi necessario concluir, empenhando no combate até as reservas. O inimigo teve 5 mortos e 80 prisioneiros armados; nós perdemos 2 homens, um soldado de 12, e um soldado voluntario de Moimenta, homem bravo e valente; por nome Loureiro, cuja perda é verdadeiramente lamentavel. S. ex.^a o sr. barão faz as suas recommendações, e dará a parte detallada do combate. Mas não posso deixar de dizer que a força do regimento 12 excedeu tudo quanto se pôde imaginar de bravura; o seu commandante alferes Bastos é um bizarro official; e elle mesmo faz elogio ao seu sargento, Manoel Joaquim Monteiro; deve ser erido, porque sendo modelo dos bravos, é competente para o julgar. Deos guarde a V. ex.^a — Villa Real 28 de Dezembro de 1846. — Illm.^{os} e exm.^{os} srs. secretarios da guerra e do reino.

P. S. Logo que entrámos na villa apresentaram-se diversos cavalheiros da villa a felicitar-nos e a offerecer serviços. — O secretario geral, *Joaquim da Fonseca Silva e Castro.* »

O povo da capital não aprende, e as victorias do governo não augmentam o credito das notas do banco. As intimações ninguem faz caso dellas :

As notas segundo a felha commercial transcripta no *Diario* tem corrido com os seguintes descontos :

Em 11 de Dezembro	900 rs.
Em 18	1\$100 »
Em 25	1\$000 »
Em 30	1\$100 »

Estes são os preços cotados officialmente, a verdade é que o desconto é sempre maior.

Agora perguntamos—aonde estão os resultados da batalha de Torres Vedras? Que effeito salutar produziu no publico a estulta providencia das intimações aos negociantes?

Quando em Paris se soube da batalha de Waterloo os fundos francezes subiram. É porque essa derrota militar não foi a derrota do principio popular, foi a derrota do principio militar. Assim em Lisboa os fundos descem depois da victoria, porque triumphou em Torres Vedras o principio despotico e succumbiu, posto que temporariamente, o popular.

Quem não vê em tudo isto a influencia salutar da civilisação, o triumpho completo dos nossos principios? Quem não vê a morte proxima de um regime de sangue e depravação?

O *Diario* contém partes officiaes muito interessantes: o major Ilharco vai postar-se em Palmella; as ilhas dos Açores estão pronunciadas a favor da causa popular menos a ilha Terceira, aonde o sr. Nicoláo Anastacio Bettencourt decidiu, pelo seu espirito de moderação, não abrir os officios das juntas de S. Miguel e do Porto.

Este sr. Nicoláo andou por ahi a chorar pelas portas de todos os patriotas, dizia que se ia atirar dos Arcos das Aguas Livres a baixo se não o empregassem, jurou que morria de amores pela Maria da Fonte, e depois liga-se aos inimigos dos seus protectores!

Ora que importava a ninguem que o sr. Nicoláo morresse de fome ou arrebetasse de furtura? Que tem a fome com a honra?

É preciso moralisar os partidos. É infame o homem que vai lançar-se aos pés do Mousinho e Palmella, e que depois se liga aos que os assassinam e deportam. O sr. Nicoláu é um servilão igual ao Abreu do Casal, ao José Maria de Sousa e alguns outros caracteres sujos e safados que renegam das suas crenças na hora da angustia, que se fazem cortezãos sob o imperio do despotismo, e miseraveis republicanos quando se persuadem que é o povo quem distribue as graças.

Ouvi-os nos comicios, e derramarão o seu sangue pela patria—espreitai-os agora, e farão as pazes com o despotismo que os despreza, porque o despotismo tambem muitas vezes mo-fa da baixeza, e aborrece a hypocrisia.

Para estes taes seja o desprezo o seu quinhão e os homens politicos aprendam a conhece-los.

Lê-se no *Nacional* do Porto de 21 do passado :

« O ministro inglez em Madrid dirigiu uma nota ao gabinete hespanhol, stigmatizando a protecção, já clandestina, já ás claras, que este gabinete tem dado aos cabralistas de Portugal, e exigindo a mais rigorosa neutralidade, segundo os tratados. »

Em consequencia da chegada d'um vapor inglez á Corunha, o capitão general, que se achava em Tuy, sahiu a 18 do corrente a toda a pressa para lá, deixando ordem para que retirassem a S. Thiago a maior parte das forças que tinha mandado sobre a raia de Portugal. Sobre este facto fazem-se mil conjecturas, mas a mais provavel é que o dito vapor trouxe fortes reclamações sobre o desembarque da marinhagem da esquadra portugueza em Vigo, para irem tomar Valença.

As noticias que haviam em Tuy sobre as eleições dos deputados alcançavam até o dia 15, pelo correio de Madrid, e por ellas se contavam já 70 deputados progressistas e 80 puritanos do partido Pacheco, da qual resulta que haja maioria contra o ministerio, o qual segundo as cartas de Madrid, estava proximo a cair; e até se falla já de quem o devia substituir. »



Lê-se no *Nacional* do Porto de 24 :

« Hontem de tarde partiu desta cidade, caminho de Vianna, o batalhão fixo. É de sentir, que tão boa gente tivesse um tempo tão desabrido e invernososo. »

O batalhão movel desta cidade já tem 700 e mais praças, e estão todas completamente fardadas. »

« Já está prompta a bandeira que ha de ser entregue ao 1.º batalhão de artistas, em testemunho da valentia e denodo com que se portou na acção de Val-Passos. Um dia proximo será benzida com solemnidade e depois entregue áquelle distincto e benemerito batalhão, ao qual deve muitos serviços a causa da liberdade nacional. »

« A junta tem quantos recursos pecuniarios são mister para acudir ás despezas da guerra, e ainda lhe sobram; tanto que já abriu o pagamento do mez de Outubro aos empregados de algumas repartições, e successivamente serão pagos os de todos as mais, á medida que se apromptarem as folhas. Já era para admirar que a junta tivesse dinheiro para prover ás avultadas despezas da guerra, quanto mais que agora possa pagar um mez aos empregados civis. E isto sem ter praticado violencia, esó com os rendimentos das alfandegas, e mais contribuições postas por lei.

Os que esperavam de ver morrer a causa nacional á mingua de dinheiro, já veem que esperam em balde. »

« Essa guerrilha miguelista que em Oliveira de Azemeis commetteu o desatino de proclamar D. Miguel, fugiu na direcção de Arouca e Castello de Paiva, com o intento de passar o Douro no sitio de Entre os Rios.

Asseguram-nos que o numero destes desatinados não excede 30 homens.

« Desertaram da praça de Valença, e vieram apresentar-se ás auctoridades de Vianna, cinco soldados do batalhão naval. »